

# BRØNDSTED, Johannes. *Os Vikings: História de uma fascinante civilização*. São Paulo: Editora Hemus, 2004.

Johnni Langer\*

A Idade Média está cada vez mais sendo redescoberta em nosso país. Dezenas de publicações, eventos e pesquisas garantem a continuidade deste interesse.<sup>1</sup> Os estudos sobre a Escandinávia Medieval estão ganhando maior espaço entre os novos projetos de pesquisa, que vão da iniciação científica ao mestrado em História.<sup>2</sup> Em especial, a recente reedição de um livro clássico, *Os Vikings*, do arqueólogo dinamarquês Johannes Brøndsted, garante a continuidade de uma importante referência bibliográfica sobre a temática. Escrito originalmente em 1959, esta obra ainda possui valiosas contribuições informativas para os iniciantes nesta área, apesar de alguns aspectos desatualizados e questionáveis ao longo do texto.

O livro foi dividido basicamente em três partes. A primeira concedendo uma síntese do processo e formação histórica dos povos escandinavos durante a Era Viking (séculos VIII ao XI d.C.); a segunda traz elementos do cotidiano e cultura material; a terceira, aspectos básicos da religião e mitologia nórdica, além da arte e da literatura.

Na primeira parte (capítulos I a V), Brøndsted examina especialmente a questão da origem e as causas do processo de expansão dos Vikings pela Europa – um tema muito debatido durante os anos 1950 e 1960, mas que atualmente já encontra certa interpretação unânime.<sup>3</sup> O processo de formação e consolidação dos reinos escandinavos é particularmente vislumbrado pelo autor respeitando as variações regionais e políticas do mundo nórdico, sempre confrontando dados históricos de documentos medievais com fontes arqueológicas disponíveis até o final da década de 1950.<sup>4</sup> A colonização do Atlântico Norte também é analisada pelo autor, mas não deixa de ser curioso o fato de que a principal evidência da presença nórdica na América do Norte – o sítio canadense de L'Anse Aux Meadows, só foi descoberto em 1964, depois da obra ter sido publicada originalmente.<sup>5</sup> Sem dispor de estudos arqueológicos, Brøndsted concluiu que a América do Norte havia sido visitada pelos nórdicos, utilizando apenas deduções históricas e análises cartográficas.

A segunda parte (capítulos VI a XI), que trata da cultura material e cotidiano escandinavo, é o ponto forte da obra, visto a formação arqueológica do autor. Detalhes de armamentos, ferramentas, vestuário, transportes, habitações e sepulturas são muito bem descritos, concedendo ao leitor uma visão fidedigna da vida diária dos Vikings, desmistificando muitos estereótipos a respeito dos escandinavos, como as imagens de bárbaros selvagens e primitivos – que utilizariam somente roupas de pele, capacetes com chifres, alimentavam-se de carne crua, comportavam-se como trogloditas.<sup>6</sup>

A última parte (capítulos XII a XV) envolve estudos de literatura, arte e religião Viking. Um dos trechos mais interessantes é a razoável tradução da narrativa de viagens do árabe Ibn Fadlan, que originou o romance *Devoradores de mortos*, de Michael Crichton e o popular filme de aventuras *O 13º guerreiro*. O momento mais famoso do relato, a descrição de um funeral de chefe Viking na região do Volga, foi totalmente inserido no livro.

Mas, é justamente nesta parte que a obra de Brøndsted revela-se mais limitada e datada. Ao contrário de muitos arqueólogos atuais especializados na Vikingologia, sensíveis a análises das antigas religiões pré-cristãs (como Raymond Ian Page e James Graham-Campbell), o autor incorre em alguns anacronismos e idiosincrasias em muitos momentos: “os povos germânicos eram culturalmente inferiores àqueles que tinham conquistado, estando, portanto, aptos para adotar sua civilização”; “A fé pagã deve ter sido fraca”; “aquelas crenças seriam suplantadas pela claridade da fé cristã. Uma religião que oferece ao homem comum conceitos vagos e contraditórios do que ele encontrará depois da vida não é uma religião potente e este é o caso de toda fé politeísta”.<sup>7</sup> Percebe-se que a crença individual do autor prevalece sobre a sua análise na temática, um problema que ainda não desapareceu nos estudos acadêmicos até nossos dias.<sup>8</sup>

Também um conhecimento pouco profundo em teoria do mito e história das religiões escandinavas acabou prevalecendo em todo o livro: “relacionar Odin com os conselhos triviais dados no Hávamál somente poder ser considerado como uma idéia de parte de algum editor posterior. Odin era o menos trivial dos deuses”.<sup>9</sup> O *Hávamál*, parte integrante do *Edda Maior*, é uma das mais importantes fontes para o estudo das concepções religiosas dos nórdicos e foi composta essencialmente para a elite guerreira e real da Escandinávia Viking. Portanto, a inclusão da presença cotidiana do deus Odin reflete diretamente a concepção deste deus como soberano da vida dos homens.<sup>10</sup> A respeito do poema *Völuspá*, também integrante do *Edda Maior*, o autor afirma: “Embora o cristianismo não seja mencionado, este conto implica a emergência de uma nova fé triunfante para uma humanidade recriada”.<sup>11</sup> Apesar de muitos especialistas considerarem a interferência de um referencial cristão nas fontes escandinavas redigidas durante os séculos X ao XIV, não podemos afirmar que a escatologia central do poema seja de origem cristã, mas de um passado eminentemente pagão.<sup>12</sup> Já com respeito ao deus Loki: “não é uma figura tão antiga quanto Odin, Thor e Ty, e de maneira alguma tão antigo quanto os Vanir. Na verdade, ele não é um deus no sentido de ser uma figura a quem os homens são compelidos a adorar. Ele é mais um produto da especulação mitológica”.<sup>13</sup> Apesar de não receber cultos organizados, Loki era uma divindade extremamente importante para a mentalidade escandinava e suas raízes míticas são muito antigas.<sup>14</sup>

Os equívocos no livro de Brøndsted também envolvem simbolismos religiosos: “Uma pedra rúnica dinamarquesa está entalhada com vários símbolos cristãos – suástica, a roda do sol e o tricórnio”.<sup>15</sup> Na realidade, estes três símbolos são estruturas iconográficas totalmente paganas, que nem ao menos foram preservadas com o processo de cristianização da Escandinávia.<sup>16</sup> “A palavra berserk é derivada de ‘bare sark’, ‘sem camisa’, isto é, sem armadura”.<sup>17</sup> Este erro etimológico (a tradução correta da palavra *berserkr* é ‘camisa de urso’) na realidade teve início com Snorri Sturluson ainda no século XIII, mas já foi corrigido por muitos especialistas contemporâneos.<sup>18</sup>

Em conclusão, podemos considerar o clássico *Os Vikings* de Johannes Brøndsted uma importante obra introdutória para os estudantes de Idade Média e História em geral, mas que deve ser lida com restrição em seus aspectos mítico-religiosos. Carecemos de traduções sobre estudos acadêmicos consistentes tratando do processo de formação histórica da Escandinávia e do paganismo nórdico.

## Notas

\* Doutor em História pela UFPR. Professor da UNICS, PR.

<sup>1</sup> Eventos nacionais e internacionais demonstram a maturidade das pesquisas medievais em nosso país: Encontro Internacional de Estudos Medievais (promovido pela Associação Brasileira de Estudos Medievais, que já organizou 7 edições); I Encontro Internacional dos 7 Pecados Capitais (UFRGS, 2004); I Ciclo Internacional e VII Ciclo de Estudos Antigos e Medievais, Unesp/Assis, 2004; I Encontro de História Antiga e Medieval do Maranhão, UEMA, 2005, entre vários outros. As principais publicações na área de medievalística em nosso país são as revistas *Signum* (ISSN: 1516-6295, n. 7, 2005) e *Mirabilia* (ISSN: 1678-7412, n. 4, 2004).

<sup>2</sup> Reflexo disto é o aumento de comunicações coordenadas nos vários eventos acadêmicos do Brasil, em especial o I Simpósio Nacional de Estudos Celtas e Germânicos, promovido pelo grupo Brathair e pela UFRJ em 2004, além das várias publicações na revista *Brathair* (ISSN: 1519-9053, <www.brathair.com>). Vários mestrados em História também já apresentam estudos de Escandinávia Medieval, como na USP, UFRJ e UFF, além de projeto de pós-doutorado na USP (*Orm: o mito do dragão nórdico na Europa Viking e Cristã*, supervisionado pelo prof. Dr. Hilário Franco Júnior).

<sup>3</sup> Para o historiador britânico Peter Sawyer, as motivações seriam essencialmente econômicas. Assim, o fator chave teria sido a pirataria atrelada à expansão comercial do noroeste europeu. Esta última, aliás, teve início bem antes da primeira incursão de saque documentada dos Vikings (793 d.C.). Com isso, o caminho para a expansão nórdica teria sido estruturado pelo desenvolvimento das rotas comerciais do Báltico com o Leste/Norte Europeu. SAWYER, Peter. *The Age of the Vikings and before*. In: --- (Ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2001, p. 1-18. A mesma perspectiva pode ser encontrada em GRAHAM-CAMPBELL, James (Ed.). *The Viking World*. London: Frances Lincoln Limited, 2001, p. 17-18.

<sup>4</sup> Depois de publicado este livro de Johannes Brøndsted, surgiram obras mais completas e sistemáticas sobre a história dos Vikings, como *A History of the Vikings*, de Gwyn Jones (original de 1968, com reedições atualizadas de 1984 e 2001), *Les Vikings: Histoire et civilisation*, de Régis Boyer (1982).

<sup>5</sup> Brøndsted antecipou até o método que o sítio canadense seria descoberto: “levantamento aerofotogramétrico feito por aviões de baixa altitude e baixa velocidade” (p. 94). Realmente, o arqueólogo norueguês Helge Ingstad descobriu o sítio utilizando inicialmente aviões e cartas náuticas. INGSTAD, Helge. *Vinland ruins prove Vikings found the New World: discovery of spinning tool confirms Norse settlement Newfoundland*. *National Geographic Magazine*, nov. 1964, p. 708-734.

<sup>6</sup> Um vikingólogo contemporâneo que também utiliza o estudo da cultura material como pressuposto para a desconstrução de estereótipos e fantasias sobre os nórdicos é o historiador francês Régis Boyer no livro *Le vie quotidienne des Vikings (800-1050)*. Paris: Hachette, 1992. A respeito dos principais estereótipos sobre os Vikings consultar: LANGER, Johnni. *Rêver son passé*. In: GLOT, Claudine; BRIS, Michel (Orgs.). *L'Europe des Vikings*. Paris: Éditions Hoëbeke, 2004; The origins of the imaginary Viking. *Viking Heritage Magazine*, University of Gotland/Centre for Baltic Studies. Visby (Sweden), n. 4, 2002; Fúria odínica: a criação da imagem oitocentista sobre os Vikings. *Varia Historia*, UFMG, n. 25, julho 2001; A origem do imaginário sobre os Vikings.

*Espaço Plural: caderno de ciências, filosofias e artes*. Cepedal/Unioeste, ano III, n. 8, agosto 2001; Os Vikings e o estereótipo dos bárbaros no ensino de História. *História e Ensino*, Londrina, UEL, v. 8, outubro 2002.

<sup>7</sup> BRØNDSTED, Johannes. *Os Vikings: história de uma fascinante civilização*. Reedição. São Paulo: Editora Hemus, 2004, p. 12, 239, 274.

<sup>8</sup> Sobre a questão da “militância religiosa na academia” ver: CARDOSO, Ciro Flamarion. Entrevista: o Paganismo na Europa Setentrional. *Revista Brathair de Estudos Celtas e Germânicos*, n. 2, 2004. <www.brathair.cjb.net>

<sup>9</sup> BRØNDSTED, Johannes, 2004, op. cit., p. 232.

<sup>10</sup> A respeito das idéias e do culto a Odin entre os Vikings consultar: LANGER, Johnni. *Morte, renascimento e sacrifício: uma interpretação iconográfica da estela Viking de Hammar I*. *Revista Mirabilia* n. 3, 2003. <www.revistamirabilia.com.br> LANGER, Johnni. *Guerreiras de Óðinn: as Valkyrjor na mitologia Viking*. *Revista Brathair de Estudos Celtas e Germânicos*, n. 1, 2004. <www.brathair.cjb.net>

<sup>11</sup> BRØNDSTED, Johannes, 2004, op. cit., p. 249.

<sup>12</sup> Sobre o assunto, consultar os debates de: BOYER, Régis. *Yggdrasil: La religion des anciens scandinaves*. Paris: Payot, 1981, p. 185, 212-221; DUBOIS, Thomas. *Nordic religions in the Viking Age*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1999, p. 134-137.

<sup>13</sup> BRØNDSTED, 2004, op. cit., p. 256.

<sup>14</sup> O melhor estudo sobre esta divindade ainda é o livro *Loki*, de Georges Dumézil. Paris: Maisonneuve, 1948. Reeditado pela Flammarion em 1986.

<sup>15</sup> BRØNDSTED, 2004, op. cit., p. 189.

<sup>16</sup> A relação entre símbolos paganos, inscrições rúnicas e o processo de evangelização cristã foi recentemente aprofundada em: SAWYER, Birgit. *The Viking-Age Rune-Stones: custom and commemoration in Early Medieval Scandinavia*. Oxford: Oxford University Press, 2003, p. 125-154.

<sup>17</sup> BRØNDSTED, 2004, op. cit., p. 101.

<sup>18</sup> Conforme BOYER, Régis. *Berserkr*. In: ---. *Héros et dieux du Nord: guide iconographique*. Paris: Flammarion, 1997, p. 27 (Este livro foi resenhado na *Revista História Hoje*, vol. 1, n. 1, 2003. <www.anpuh.uepg.br/historia-hoje>).